

**GRAMÁTICA E QUADRINHOS:
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA
NOS LIVROS DIDÁTICOS**

Deliano Parreira da Silva (UEMS)
deliano86@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Os métodos utilizados para se ensinar a língua portuguesa são muitos. Pretende-se ressaltar, porém, com base na pesquisa de iniciação científica, a importância do uso dos quadrinhos como facilitadores da compreensão da gramática normativa pelo estudante. No entanto, ao analisar os livros didáticos e como esses exploram o método referido, foi percebido que eles aproveitam essa ferramenta pedagógica bem menos do que deveriam. As formas dos desenhos encontrados nos quadrinhos, além de serem as mesmas utilizadas por muitos anos, não evoluem no quesito visual explicativo. Por isso, resolveu-se demonstrar até que ponto estão ajudando e, como fazer para inovar e melhorar o ensino com bases em charges e quadrinhos nos livros didáticos, pontuando os fatores positivos e negativos encontrados nos antigos modelos; a partir disso, será elaborada uma proposta de aprimoramento satisfatório às necessidades dos alunos que serão beneficiados a partir das aplicações dos resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Gramática. Quadrinhos. Ensino. Língua materna. Livro didático.

1. Introdução

O ensino da língua portuguesa através dos tempos teve pequenos avanços quando diz respeito ao emprego de novas técnicas pedagógicas relacionada aos materiais de apoio, não quanto à didática dos docentes.

Quando falamos dos materiais de apoio, estamos nos referindo aos livros didáticos. Uma vez que percebemos em sua estrutura uma reprodução do passado que não evoluiu de modo satisfatório com o tempo.

Deixando com que uma importante ferramenta de apoio ao ensino de gramática ficasse obsoleta em alguns quesitos. Nesse sentido analisamos a questão dos quadrinhos dentro dos livros didáticos, e constatamos que alguns quadrinhos encontrados e as estruturas de ensino são idênticas as do passado.

Não se fazendo assim uma relação direta com a realidade do aluno, que é o receptor do conhecimento comunicado pelos quadrinhos que

se encontram nas estruturas dos livros didáticos em sua grande maioria no tocante à gramática.

Para tanto foram analisados dois livros didáticos, são eles: *Gramática de Hoje*, de Ernani e Nicola, e *Textos: Leituras e Escritas*, de Infante.

2. O livro didático

Uma ferramenta quase indispensável no ensino escolar com certeza é o livro didático, sendo assim, queremos abordar, com o presente artigo, um pouco sobre seu surgimento no Brasil e como ele contribuiu na evolução do aprendizado nas instituições de ensino, desde o governo de Getúlio Vargas.

Quando surgiu até os dias atuais, essa ferramenta passou por diversas mudanças deixando de ser uma referência única e estática da transferência do conteúdo a ser ministrado como era na época de sua criação, pois a evolução da sociedade e do pensamento pedagógico foi aos poucos forçando essa mudança, que se fez necessária para uma adequação de momento histórico e social.

Na tentativa de enquadramento à proposta dos PCN, os livros didáticos passaram a se preocupar em favorecer ao aluno o contato com um número diversificado de gêneros com os quais se tem contato na sociedade. Sendo assim:

Dessa maneira, diferente dos livros das primeiras décadas atrás, compostos quase exclusivamente por textos literários clássicos e restritos a um texto principal e dois ou três complementares, os LDLPs, a partir dos anos 1990, têm apresentado uma ampla diversidade de gêneros. (DIAS, 2010, p. 132)

Porém nos últimos anos, uma quantidade significativa, de professores e alunos ficaram escravos desse recurso didático, pois os programas escolares nada mais são do que a cópia do índice do livro didático. Ou seja, em suas aulas os professores transferem para o quadro de giz o conteúdo abordado no livro didático adotado pela escola, com o tempo, alguns chegam mesmo a decorá-los.

Ainda nessa perspectiva As tarefas escolares constituem-se de listas de exercício do livro. Compreende-se então que o único momento que alguns docentes abandonam o livro usado em sala de aula é no momento de elaborar a prova. Porém isso acarreta outra questão, a de que esses

mesmos professores acabam por consultar outros livros didáticos.

Assim, demonstram que perderam sua autonomia e o senso crítico⁶⁴. Um problema acaba surgindo, pois esse método de ensino, que tem por cópia o que está no livro didático, reflete na formação do aluno. Tornando os mesmos em meros repetidores dos conteúdos presente nos livros.

Nessa ótica observamos o regresso do papel do professor da idade média, que era o de transcrever o livro no quadro de giz e exigir que o aluno reproduza esse conteúdo tal como lhe foi apresentado. Desta forma, o livro didático no Brasil, passa a ser o único instrumento de trabalho do professor, além do quadro de giz, sendo tratado na sala de aula quase como uma verdade absoluta.

Percebe-se assim um modelo de ensino que não é muito diferente do que era feito no século XIII. Não é de se estranhar que os alunos fiquem condicionados e nunca aprendam a “ler” no sentido de compreenderem o conteúdo, pois apenas limitam-se a identificar a que tipo de problema ou exercício pertence a situação proposta. Chegam a universidade acostumados aos manuais programados solicitando a perpetuação desta prática de ensino. (VARIZO, 1999, p. 01)

No que tange à forma como foi recepcionado o livro didático no Brasil, percebemos que no início de sua introdução não houve muitos contrapostos, porque no momento era uma inovação na forma educacional da época, que pouco pensava a respeito da importância dos métodos educacionais a serem utilizados no ensino da língua portuguesa. Nesse sentido:

No ensino de língua portuguesa, os materiais de ensino transformaram-se historicamente. Era comum, até na década de sessenta, a existência de dois tipos de materiais: uma antologia e uma gramática. A antologia resumia-se numa coletânea de textos, sem indicações metodológicas ou preparação de exercícios. A gramática era especialmente elaborada para o uso de alunos desse nível de escolaridade. (FREGONEZI, 1997, p. 128)

Queremos ressaltar uma característica muito importante revelada por Fregonezi: o fato de existir um manual para ser seguido, não significa que a fórmula do ensino da língua está pronta e acabada neste manual e

64 É importante dizer que a intenção não é questionar a metodologia de outros professores, e sim apresentar como o livro didático acaba por ser utilizado. E também de como algumas escolas cobram de seus professores a sequência do livro didático, não permitindo que o mesmo leve materiais extras, ou trabalhe sobre outra perspectiva.

no que existe em sua estrutura.

Portanto a língua é um fator social e como tal sofre mudanças e adequações impostas pelo tempo da sociedade na qual está inserida. Desde a década de 70 a luta por um livro didático que tivesse seus conteúdos padronizados e delimitados de forma a facilitar o ensino eram muito desejados e, isso sem dizer na falta destes nas escolas públicas por estarem fora da capacidade orçamentária da época, apesar de no período de 1972 a 1981 terem sido expressivos os projetos apresentados ao Congresso Nacional com o objetivo de rever algumas decisões, suprir ou minimizar a gravidade dos problemas gerados com o custo do livro escolar, por exemplo, evitar substituição de livros, uniformizar a indicação desses livros, substituí-los somente no início do 6º ano letivo a contar da data de sua adoção algo que veio a se concretizar só em 4 de fevereiro de 1976.

Já, nesses últimos anos, o governo encontrou um meio de fornecer livros a todas as crianças carentes através da FAE (Fundação de Assistência ao Estudante). Porém, como havia rejeição dos professores, que acusavam os livros fornecidos pelo governo de ruins, o Estado garantiu a participação do professor, que escolhe o livro que achar adequado. Criou-se então, a partir de 1998, o *Guia de Livros Didáticos* através do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) que traz sugestões de livros para todos os anos, aprovando ou não as obras selecionadas.

Todas essas medidas foram válidas. Hoje no entanto, precisamos rever alguns conceitos que ficaram nas raízes intelectuais dos professores que foram formados com os métodos antigos que ainda resistem às mudanças necessárias para que se possa transferir o conhecimento ao aluno de acordo com sua realidade e, não segundo uma metodologia rígida ainda encontrada em grande parte dos livros didáticos atualmente.

3. O livro didático e o ensino de gramática

Os livros didáticos que foram estudados na pesquisa de iniciação científica mostraram ser capazes de abordar de forma satisfatória questões de incentivo à leitura. Porém, queremos nos deter no quesito gramatical e semântico que formam as estruturas de pouca ou muita complexidade dentro do ensino de gramática através dos quadrinhos e charges encontrados em suas estruturas, pode-se inferir que as diversas abordagens encontradas são muito superficiais e com pouco comprometimento com as estruturas dos desenhos que as apresentam, não usufruindo do poder

de persuasão que elas contêm da forma que deveriam, pois, os desenhos não enfatizam o que realmente a estrutura gramatical quer dizer na maioria dos casos abordados, outro aspecto muito importante são os tipos de desenhos que são usados para representar as ocorrências, são desenhos utilizados há muito tempo pelos livros didáticos, sendo parte da realidade de uma massa de estudantes que já não mais os contemplam, pois, já terminaram seus estudos.

Essa temática retrata o quanto é preciso evoluir em questões referentes ao uso dos quadrinhos em sala de aula, nos livros que norteiam as atividades educacionais ao longo do ano letivo e em quaisquer outros materiais apresentados aos estudantes que façam um elo com essa metodologia de ensino, pois, nos livros didáticos pesquisados os quadrinhos não passavam de um simples apêndice quando na verdade deveriam ser um braço direito na abordagem das estruturas gramaticais. Levando-se em conta que analisar sintaticamente estruturas complexas não é uma tarefa tão simples para maioria dos alunos, percebi que se colocarmos diante deles essas estruturas com esse tipo de quadrinho ou de charge, que são utilizados nesses livros, estaremos colocando algo que não tem referências à vivência do aluno com algo que o aluno não vive, ou seja, o aluno não irá conseguir internalizar as regras e o funcionamento das estruturas não por que não teve um contato prévio com essas, mas por que essas foram apresentadas como um fato distante de sua realidade intelectual.

Os livros pesquisados dão mais valor às formas escritas ao tratar do ensino de gramática, quando deveriam trabalhar o conjunto em busca de um equilíbrio pedagógico ao utilizarem os quadrinhos como ferramenta de ensino para transferência de conhecimento, no entanto, o que se pode inferir dessa forma de abordar o ensino com essa ferramenta é que os produtores dos livros ainda são em parte descrentes quanto à eficácia dos quadrinhos no ensino de gramática, por não darem ou por não saber dar o devido reconhecimento ao amplo mecanismo de ensino que pode ser desenvolvido com os quadrinhos.

Contudo, aos poucos os quadrinhos estão sendo usados, de forma deficiente, mas já existem algumas estruturas mais proveitosas encontradas nos livros analisados as quais apesar de não satisfazerem aos anseios do potencial que pode ter a metodologia dos quadrinhos, fizeram uma contextualização entre a imagem e o conteúdo de forma que o aluno consiga usar o desenho para interpretar o significado da estrutura gramatical.

4. O ensino de gramática por meio dos quadrinhos

Os quadrinhos têm em sua estrutura elementos importantíssimos para se ensinar gramática como discorrerei a seguir, contudo, quero antes de apresentá-los falar um pouco da temática do uso dos quadrinhos em sala de aula e, de sua abordagem apropriada para se obter um bom resultado no aprendizado, não se sabe ao certo quais motivações surgiram para que houvesse uma procura por inclusão de quadrinhos no ensino, mas quero apresentar um parecer sobre as prováveis causas dessa ferramenta que tem sido usada nas últimas décadas, o uso dos quadrinhos nos exames vestibulares e a inclusão da linguagem nas práticas pedagógicas dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, elaborados pelo governo federal; creio que esses dois itens levaram a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor.

É fato que a inclusão das histórias em quadrinhos aconteceu e está em processo na escola e no livro didático. Portanto o problema está na maneira como se dá o tratamento deste gênero, ou seja, quais objetivos se têm com essa inserção? Ao trabalhar com as histórias em quadrinhos na escola, devemos questionar se queremos "ensinar com ela, ensinar por meio dela ou simplesmente ensiná-la?", pois, quero aqui abordar os três pontos; ensinar com ela, pois por sua variedade de temas e textos verbais e imagéticos, as histórias em quadrinhos se mostram um texto bastante rico; ensinar por meio dela, porque, afinal, alguns acreditam que as histórias são um "método milagroso", e sabemos que não é bem assim, entretanto o que se proponho com este trabalho, é uma alternativa de aplicação eficiente de histórias em quadrinhos apresentadas nos livros didáticos nas aulas de português; e, por fim, simplesmente ensiná-las.

Este último ponto pode gerar divergências de opiniões, mas o julgamento defendido aqui é de que é relevante, sim, que a criança e o próprio professor tenham conhecimento da estrutura, da forma de leitura e, por que não? Da história das histórias em quadrinhos, como de qualquer outro gênero; é importante, pois a história em quadrinho é um gênero que a criança utiliza dentro e, principalmente, fora da sala de aula. Nas primeiras fases de aquisição da linguagem os gibis são os principais portadores de texto que as próprias crianças buscam ler. E por que não utilizar um texto que elas gostem para ensiná-las a realmente ler? Ler criticamente devemos aproveitar este interesse para se fazer um trabalho eficaz.

Agora, quero pontuar os elementos que podem ser explorados com as histórias em quadrinhos, o primeiro e mais relevante é o impacto

visual causado nos alunos, pois, quando se enxerga o que realmente está acontecendo em uma estrutura gramatical fica mais fácil para o aluno internalizar as regras, quando falamos para um estudante “você vai ao médico” e o estudante em seu cotidiano usa “eu vou no médico” ele só enxergara o que está realmente dizendo se criarmos algo que exemplifique visualmente isso, mostrando um quadrinho em que ele esteja em cima do médico, ou seja, semanticamente ele fará uma ligação óbvia que o ajudará com a regência do verbo em questão, assim podemos fazer com uma diversidade imensa de estruturas dentro da gramática.

Outro elemento é a forma de emissão da mensagem, ao nos comunicarmos no dia a dia usamos linguagens próprias de um determinado grupo social, porém existe algo que é comum a todos os grupos, a linguagem feminina e a masculina. Partindo disso, quero explanar melhor o assunto, pensemos em um casal que após muitos anos depois de terem casado voltem a uma sorveteria que costumavam a frequentar quando namoravam, ao ver o preço do sorvete o homem diz “nossa como está caro esse sorvete!”, a mulher entende “eu não estou valendo nem um sorvete pra você?” quando na realidade o homem quis dizer que a inflação subiu, ou seja, o quero deixar claro com isso é que homens e mulheres tem percepções diferentes, enquanto os homens leem as manchetes as mulheres leem as entrelinhas, analisando esse aspecto percebi que os quadrinhos são um instrumento perfeito para chamar à atenção dos alunos, pois, abordam o visual e as linguagens com mensagens diretas e indiretas englobando um aspecto quase não levado em conta em sala de aula que é o fato de os alunos não receberem a mensagem transmitida pelo professor de maneira uniforme.

5. Conclusão

Em relação a toda pesquisa podemos dizer que os livros didáticos estão no caminho certo, no entanto, queremos ressaltar outro aspecto muito importante a ser observado, quando analisamos os quadrinhos que estão presentes nos livros e os que deveriam estar, mas ainda não estão de forma mais ampla inseridos no manual didático do aluno, percebemos que os referenciais podem ser melhor abordados quando se trata dos super-heróis, pois, estes chamam a atenção e fixam o interesse do estudante desde sua infância, quase toda criança ou adolescente gosta de algum desses ícones representantes de ideais humanos capazes de motivá-las em diversos aspectos e, porque não no intelectual escolar, assim sendo, pro-

pomos uma atenção especial para seu agregamento nos livros didáticos futuros, a fim de trazer ao aluno um conteúdo que contenha elementos de seu meio extraescolar que o levem a pensar de maneira mais prática e menos maçante, capacitando-o para uma nova ótica da gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Eliana. Livro didático: do surgimento às mudanças atuais. In: *Anais do II Seminário de Pesquisa do NUPEPE*. Uberlândia/MG, 21 e 22 de maio 2010, p. 132-143.

Disponível em:

<[http://www.eseba.ufu.br/arquivos/anais/trabalhos_Completos/Eixo_1/Eliana_Dias - Livro didatico do surgimento as mudancas atuais.pdf](http://www.eseba.ufu.br/arquivos/anais/trabalhos_Completos/Eixo_1/Eliana_Dias_-_Livro_didatico_do_surgimento_as_mudancas_atuais.pdf)>

Acesso em: 20-11-2013.

ERNANI, Terra; NICOLA, José de. *Gramática de hoje*. São Paulo: Scipione, 2008.

FREGONEZI, Durvali Emílio. Livro didático de língua portuguesa: liberdade ou opressão? In GREGOLIN, Maria do Rosário V.; LEONEL, M. C. M. *O que quer o que pode esta língua?* Brasil/Portugal: O ensino de língua portuguesa e de suas literaturas. Araraquara: Cursos de Pós Graduação em Letras, FCL, UNESP-Ar, 1997.

INFANTE, Ulisses. *Textos: leituras e escritas*. São Paulo: Scipione, 2005.

TAGLIANI, Dulce Cassol. O processo de escolha do livro didático de língua portuguesa. *Linguagem em (Dis)curso*, vol. 9, p. 303-320, 2009. Disponível em:

<<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0902/090204.pdf>> Acesso em: 20-11-2013.

VARIZO, Zaíra da Cunha Melo. O livro didático. Ontem e hoje. *CADERNOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO PPGE-UFES*, Vitória, v. 10, p. 125-140, 1999.